



«(Vi) O nascer do Sol no topo do Mundo» – Entrevista exclusiva com o astronauta Scott Parazynski

por [Maria João Pratt](#)



Aproveitando a vinda a Portugal de Scott Parazynski, o AstroPT esteve à conversa com o astronauta norte-americano no Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa.

Médico de formação, foi astronauta da NASA entre 1992 e 2009. Scott Parazynski participou em cinco missões espaciais, num total de 1381 horas (mais de oito semanas no espaço), tendo viajado mais de 37 milhões de quilómetros. Fez ainda sete caminhadas em espaço aberto, fora da Estação Espacial Internacional. Gosta de fazer montanhismo, escalada, mergulho, ski, viajar e fotografar a natureza. Em Maio de 2009 foi o primeiro astronauta a escalar o ponto mais alto do planeta Terra, o Monte Everest.

Como foi a sua primeira missão espacial?

O meu primeiro voo espacial foi em 1994, no vaivém Atlantis. Ver a Terra a partir do espaço está além da minha capacidade de descrição. É mais bonito que qualquer coisa que eu tenha visto. A tridimensionalidade da Terra a flutuar, serenamente, é de cortar a respiração. É uma visão que nos muda para sempre. A minha primeira missão espacial foi mesmo isso: alterou a minha forma de ver o Mundo e quero acreditar que me tornou mais humano. Ironicamente, no meu primeiro voo fotografei o Monte Everest, que viria, mais tarde, a fazer parte da minha vida.

O que fez quando regressou pela primeira vez à Terra?

Após a minha primeira missão, quis logo voar novamente e, por isso, dei-me como voluntário para uma missão de longa duração: viver a bordo da MIR (estação espacial russa) durante quatro meses e meio. Mas eu era demasiado alto para caber de forma segura na cápsula de emergência da Soyuz (nave espacial) e fui substituído por uma mulher, a astronauta Wendy Lawrence. Só que ela era demasiado pequena para usar os fatos espaciais russos e também teve de desistir da missão. Em consequência deste episódio caricato, fui apelidado de «Parazynski Demasiado Alto» («Too Tall Parazynski») e a Wendy de «Lawrence Demasiado Baixa» («Too Short Lawrence»). Mas esta história tem um final feliz porque fizemos ambos parte de uma tripulação que foi à MIR e demos um passeio espacial com os cosmonautas russos.

Como foi o seu primeiro voo a bordo do vaivém Discovery, em 1998?

Foi muito excitante! Tive a oportunidade de voar com um dos meus heróis, o Senador John Glenn (o primeiro norte-americano a orbitar a Terra, em 1962). Nessa missão tornou-se no astronauta mais velho a voar numa missão do vaivém. Este voo levava a bordo uma série de experiências de carácter médico e como sou médico de formação, coube-me a tarefa de, diariamente, colher sangue de todos os astronautas. Como estava sempre a picar toda a gente com agulhas, o Senador John Glenn passou a chamar-me «Drácula». (risos)

Quando foi o seu último voo?

O meu último voo foi em 2007, novamente no Discovery. Tornou-se no voo mais importante da minha carreira porque tive de consertar um painel solar danificado da Estação Espacial Internacional (EEI). Foi uma situação crítica, pois havia o risco de poder morrer electrocutado ou de perder as ferramentas necessárias para executar o trabalho. Foi uma reparação semelhante a uma cirurgia. Teve de ser tudo feito com muito cuidado, muita atenção, muita concentração, sem pressa e com muita precisão.

Assim que chegou à Terra, que fez?

Em 2008, depois de completar a minha última missão, para cumprir um sonho de criança, decidi escalar uma montanha. Passei dois meses nos Himalaias. No 58.º dia da expedição, fiz uma ruptura num disco vertebral quando estava a mais de 7 mil metros de altitude. Eu queria ir até ao cume, mas não conseguia ignorar a dor. Tive de tomar uma decisão muito difícil: atacar o cume, arriscar a minha vida e pôr em risco o sucesso da minha equipa ou voltar para trás. Foi das coisas mais difíceis que tive de fazer, mas foi a

decisão acertada. O lado positivo da questão, é que tinha um fornecimento enorme de gelo (risos). A cada 20 minutos deitava-me no gelo, o que tornou bastante demorada a descida até ao acampamento-base. Fui evacuado de helicóptero para Katmandu e daí regresssei aos EUA, onde fui operado. Passadas umas horas da cirurgia, conseguia andar; após 8 semanas voltei ao ginásio e comecei a pensar em regressar ao Evereste. Neste regresso tive o apoio da minha família, do Discovery Channel e da NASA, para além de patrocinadores empresariais.

Como descreve a sua chegada ao cume do Evereste?

O ataque ao cume começou às oito da noite. Trepámos durante a noite. Às quatro da manhã, ao nascer do sol, atingimos o cume. Fui o primeiro a chegar. Durante alguns minutos, o cume foi só meu. Arranjei um lugar e gozei a vista. Cinco minutos depois de ter chegado ao topo, o sol nasceu. Vi o nascer do sol no topo do Mundo, uma das coisas mais fascinantes que fiz na vida. Há um ritual que se faz quando se chega ao cume do Evereste que é tirar uma fotografia com imagens da nossa família, para nos sentirmos próximos dos que nos são queridos, e largar nos céus pequenos triângulos coloridos ou com desenhos. Eu fiz dois triângulos com as imagens dos meus heróis caídos: as tripulações da Apollo 1, do Challenger, do Columbia, do Soyuz 1 e do Soyuz 11. Todos os astronautas e cosmonautas que morreram a cumprir o seu dever. Também levei comigo um bocadinho da Lua. Quis prestar tributo a outros dois heróis meus, Neil Armstrong e Sir Edmund Hillary, que se tornaram muito amigos na velhice. Mais tarde, esse bocadinho da Lua e um bocadinho do Evereste, que recolhi no cume, foram colocados numa placa que está hoje instalada a bordo da Estação Espacial Internacional, na janela de observação «Tranquilidade» (em homenagem ao Mar da Tranquilidade, local de alunagem do módulo lunar Eagle). Tanto no cume do Evereste como no espaço, o Mundo está por baixo de nós. E nós estamos no topo do Mundo. É uma sensação indescritível!

Onde é que a adrenalina corre mais depressa? No espaço ou no Monte Evereste?

São ambos ambientes muito desafiadores. Numa missão espacial preocupamo-nos mais com o lançamento. Esses primeiros momentos são realmente arriscados. Mas a partir do momento que estamos no espaço, não sentimos estar num ambiente ameaçador. Isso sente-se no Evereste. Temos sempre frio, trabalhamos muito, respiramos com dificuldade, perdemos peso, corremos o risco de quedas potencialmente fatais. Sentimo-nos constantemente num ambiente hostil. Portanto, julgo que no Evereste estamos mais à beira do abismo, literal e figurativamente falando.

Como é estar tão longe da família?

É muito estranho estar lá em cima, no espaço, ter a família cá em baixo e não poder falar com ela. Lembro-me de, no primeiro voo, ter muitas saudades e não ter possibilidade de contar as experiências que estava a viver. Contudo, hoje em dia a Estação Espacial Internacional já tem um telefone por satélite e é possível contactar, via telefone, com a Terra e falar com a família. Também se pode utilizar o Twitter e outras funcionalidades que eu não tive oportunidade de usar, mas que agora estão disponíveis.

O que mais gosta no trabalho de um astronauta?

Sem dúvida, a interdisciplinaridade. Sou médico de formação, com bases na Biologia e na Química. Mas para me tornar astronauta tive de trabalhar com todos os tipos de experiências científicas, com diferentes formas de engenharia e, como tal, aprendi, com grande detalhe, engenharia aeroespacial, ciências computacionais, engenharia dos materiais, geologia, física dos fluidos, astronomia, astrofísica. E isto é mesmo divertido. Um astronauta opera em equipa, com membros vindos de áreas diferentes e, se somos curiosos, este é mesmo um trabalho fabuloso.

Quando era um rapazinho, qual era o seu sonho?

Eu queria ser astronauta. Queria ser um explorador. Li livros de e sobre exploradores como Jacques Cousteau, Sir Edmund Hillary, George Mallory, Yuri Gagarin, Neil Armstrong. Sempre sonhei ser como eles. E espero que a minha vida como explorador possa, igualmente, servir de inspiração para que as novas gerações olhem em volta e sintam o apelo de conhecer o que está para além dos seus horizontes.

Uma última pergunta, com alguma carga emotiva: o que sentiu quando o Discovery completou a sua última missão?

(Pausa, visivelmente emocionado) Voei duas vezes no Discovery, sendo que a última vez foi igualmente a minha última missão. Como tal, tenho um carinho muito especial pela nave. Por um lado senti-me muito triste, pois nunca mais voltará ao espaço, já que foi para o espaço que o Discovery foi desenhado. Ao mesmo tempo, senti uma alegria muito grande pela aterragem sem problemas e por ter cumprido a sua última missão de uma forma magistral. Sinto-me realmente muito comovido todas as vezes que falo e que vejo imagens do Discovery.